

**RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E ÉTICA NA PERSPECTIVA WEBERIANA:
DOMINAÇÃO, TEODICEIA E TIPOS DE AÇÃO SOCIAL**

**RELIGION, SPIRITUALITY AND ETHICS IN THE WEBERIAN PERSPECTIVE:
DOMINATION, THEODICY AND TYPES OF SOCIAL ACTION**

**RELIGIÓN, ESPIRITUALIDAD Y ÉTICA EN LA PERSPECTIVA WEBERIANA:
DOMINACIÓN, TEODICEA Y TIPOS DE ACCIÓN SOCIAL**



10.56238/revgeov16n5-231

Lucas Guilherme Tetzlaff de Gerone

Doutor em Educação

Instituição: UNESP -MARÍLIA SP

E-mail: lucasgerone@gmail.com

Alonso Bezerra de Carvalho

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

E-mail: alonso.carvalho@unesp.br

Ricardo Francelino

Doutor em Ciências da Educação e da Formação

Instituição: Université Lumière Lyon 2

E-mail: ricardo.francelino@unesp.br

Rafael Santos de Aquino

Doutor em Ciências da Educação e da Formação

Instituição: Université Lumière Lyon 2

E-mail: rafael.aquino@ifsertao-pe.edu.br

Fabiola Colombani

Doutora em Educação

Instituição: Universidade de Marília - SP

E-mail: fabiolacolombani@unimar.br

RESUMO

Este artigo analisa a religião, a teodiceia e a espiritualidade na perspectiva weberiana, enfatizando suas implicações para a ação social em sociedades modernas e desencantadas. Partindo da sociologia da religião de Max Weber, discute-se a religião como forma de ação social racionalizada, articulada a diferentes tipos de dominação religiosa e ao processo de desencantamento do mundo, no qual a racionalização e a burocracia fragilizam a centralidade institucional da religião. Em seguida, aborda-se o conceito de teodiceia, compreendido como o conjunto de explicações religiosas acerca do sofrimento, do mal, da fortuna e do infortúnio, destacando sua função de legitimação moral e social. A partir de comparações entre tradições como protestantismo, catolicismo, confucionismo, hinduísmo



e budismo, examina-se como diferentes éticas religiosas produzem racionalizações específicas da vida econômica e social. Por fim, discute-se a emergência da espiritualidade como categoria contemporânea, menos institucionalizada e mais subjetiva, que dialoga com questões centrais formuladas por Weber, especialmente no que se refere à busca de sentido, à relação com o sofrimento e à orientação da ação social. Conclui-se que, mesmo em contextos altamente racionalizados, religião e espiritualidade permanecem como dimensões decisivas na construção de significados e na legitimação das formas de vida.

Palavras-chave: Desencantamento do Mundo. Racionalização. Burocracia. Ética Religiosa Comparada. Busca de Sentido.

ABSTRACT

This article examines religion, theodicy, and spirituality from a Weberian perspective, emphasizing their implications for social action in modern and disenchanted societies. Drawing on Max Weber's sociology of religion, the analysis considers religion as a form of rationalized social action, articulated through different types of religious domination and shaped by the process of disenchantment, in which rationalization and bureaucracy weaken the institutional centrality of religion. The concept of theodicy is then explored as the set of religious explanations concerning suffering, evil, fortune, and misfortune, highlighting its role in moral and social legitimation. By comparing traditions such as Protestantism, Catholicism, Confucianism, Hinduism, and Buddhism, the study examines how distinct religious ethics generate specific modes of rationalization of economic and social life. Finally, the article discusses the emergence of spirituality as a contemporary category—less institutionalized and more subjective—that dialogues with Weber's central concerns, particularly the search for meaning, the experience of suffering, and the orientation of social action. The study concludes that, even in highly rationalized contexts, religion and spirituality remain decisive dimensions in the construction of meaning and in the legitimation of forms of life.

Keywords: Disenchantment of the World. Rationalization. Bureaucracy. Comparative Religious Ethics. Search for Meaning.

RESUMEN

A partir de la sociología de la religión de Max Weber, se discute la religión como una forma de acción social racionalizada, articulada a distintos tipos de dominación religiosa y al proceso de desencantamiento del mundo, en el cual la racionalización y la burocracia debilitan la centralidad institucional de la religión. En seguida, se aborda el concepto de teodicea, entendido como el conjunto de explicaciones religiosas sobre el sufrimiento, el mal, la fortuna y el infortunio, destacando su función de legitimación moral y social. A partir de comparaciones entre tradiciones como el protestantismo, el catolicismo, el confucianismo, el hinduismo y el budismo, se examina cómo distintas éticas religiosas producen racionalizaciones específicas de la vida económica y social. Por último, se analiza la emergencia de la espiritualidad como una categoría contemporánea, menos institucionalizada y más subjetiva, que dialoga con cuestiones centrales formuladas por Weber, especialmente en lo que se refiere a la búsqueda de sentido, la relación con el sufrimiento y la orientación de la acción social. Se concluye que, incluso en contextos altamente racionalizados, la religión y la espiritualidad permanecen como dimensiones decisivas en la construcción de significados y en la legitimación de las formas de vida.

Palabras clave: Desencanto del Mundo. Racionalización. Burocracia. Ética Religiosa Comparada. Búsqueda de Sentido.



1 INTRODUÇÃO

A religião ocupa um lugar central na sociologia clássica, sendo compreendida não apenas como conjunto de crenças, mas como força estruturante das relações sociais, das práticas morais e das formas de dominação. Entre os autores que mais profundamente contribuíram para essa compreensão está Max Weber, cuja análise da religião permite entender como sistemas simbólicos se articulam com a economia, a política, a ética e os processos de racionalização característicos da modernidade conforme as duas obras de 1996 e 2004. Diferentemente de abordagens que tratam a religião como fenômeno exclusivamente coletivo ou irracional, Weber (1996; 2004) a interpreta como uma forma de ação social racionalizada, dotada de lógica interna e capaz de orientar a conduta humana e legitimar a ordem social.

Ao investigar o papel da religião nas sociedades tradicionais e modernas, Weber (1996; 2004) descreve diferentes tipos de autoridade religiosa — o padre, o feiticeiro e o profeta — e mostra como cada um deles contribui para a consolidação de estruturas burocráticas ou para movimentos de renovação espiritual e ruptura com a tradição. No entanto, para Weber (2004) o avanço da racionalização, da burocracia e da secularização provoca o fenômeno do desencantamento do mundo, no qual as explicações religiosas deixam de ocupar posição hegemônica e passam a disputar sentido com outras esferas autônomas, como a ciência, a economia e a política. É nesse contexto que se intensifica uma tensão constitutiva da modernidade: a religião perde poder institucional, mas permanece oferecendo respostas para questões existenciais fundamentais, como sofrimento, destino e moralidade, como apontaram Pierucci (2003) e Gigante (2013).

Essa permanência se expressa de modo particular na teodiceia, conceito central no pensamento weberiano, que designa as explicações religiosas elaboradas para justificar a existência do mal, da dor e das desigualdades como evidenciado por Weber (1996; 2004). As teodiceias da fortuna e do infortúnio, analisadas por Weber e aprofundadas por comentadores como Gigante (2013), revelam como crenças religiosas funcionam como mecanismos de estabilização moral e social, legitimando posições de classe e orientando a conduta individual. Weber (1996; 2004) afirmou que a comparação entre tradições religiosas — como o protestantismo, o catolicismo, o confucionismo, o hinduísmo e o budismo — evidencia diferentes modos de ordenar o mundo, interpretar a moral e organizar a vida econômica, produzindo racionalidades diversas.

Entretanto, o enfraquecimento da religião institucional na modernidade abre espaço para um fenômeno que ultrapassa denominações tradicionais: a espiritualidade. Embora Weber (2004) não tenha utilizado o conceito de espiritualidade tal como compreendido hoje, sua obra fornece base teórica para compreendê-la como experiência subjetiva de sentido, articulada à busca pela compreensão da vida, do sofrimento, do mal e da finitude, como também constatado por Gerone (2015; 2022). Autores contemporâneos como Gerone (2015; 2022), Nietzsche (2024), Frankl (1989), Kohlberg (1981) e Sponville (2001; 2007) permitem aprofundar essa dimensão, entendendo-a como movimento que pode



tanto dialogar quanto se distanciar das tradições religiosas, abrindo-se a formas teístas, panteístas e mesmo ateias de espiritualidade.

Por fim, para Weber (1996), ao relacionar espiritualidade e ação social, torna-se possível analisar como experiências de sentido influenciam as formas pelas quais os indivíduos orientam sua conduta — seja por valores, fins, tradição ou emoção. Essa relação permite revisitar a tensão entre ética da convicção e ética da responsabilidade, mostrando que a espiritualidade pode atuar tanto como elemento crítico diante da racionalização excessiva quanto como mecanismo de reforço de posturas dogmáticas conforme as compreensões de Weber (1996; 2004) e de Gigante (2013). Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a religião, a teodiceia e a espiritualidade na perspectiva weberiana, evidenciando suas implicações para a ação social em sociedades modernas e desencantadas. A análise articula conceitos clássicos de Weber com contribuições de autores contemporâneos, buscando compreender como, entre tradição e modernidade, o ser humano continua a construir sentidos para sua existência e para sua relação com o mundo.

2 RELIGIÃO, DOMINAÇÃO E DESENCANTAMENTO DO MUNDO NA SOCIOLOGIA DE WEBER

Na perspectiva weberiana, a religião pode ser entendida como uma forma específica de agir em comunidade. Diferentemente de Durkheim, que a define sobretudo como fato social coletivo, Weber (1996) não opõe religião e racionalidade: ela opera modos próprios de racionalidade por meio de atos religiosos e mágicos, dotados de lógica interna e função prática em contextos de poder. Ele distingue três tipos de dominação religiosa: o padre, ligado à autoridade institucional e burocrática (sacerdotes, rabinos); o feiticeiro, cuja autoridade se funda na tradição e em poderes espirituais reconhecidos (xamãs, curandeiros); e o profeta, baseado na revelação e no carisma, capaz de romper com tradições (Moisés, Maomé, Lutero). Essa tipologia ajuda a entender por que algumas religiões se tornam estruturas centralizadas, enquanto outras permanecem como forças de ruptura e renovação. Com a modernidade, contudo, a religião perde a posição de dominação sobre as demais esferas (econômica, científica, política, etc.), pois é reconhecida como construção humana e sua legitimidade deixa de ser tomada como absoluta. Nesse sentido, Weber (2004), à semelhança de Marx, denuncia a religião dominadora como forma de alienação e defende que ela seja compreendida como produto humano, para limitar seu poder de legitimar a dominação. Porém, segundo Pierucci (2003) isso não implica ateísmo, mas crítica à religião que sufoca a autonomia e se sobrepõe às demais esferas.

Além disso, segundo Pierucci (2003), a religião, na perspectiva weberiana, funciona também como instância de justificação e perpetuação das desigualdades. No sistema de castas indiano, por exemplo, doutrinas religiosas legitimam a estratificação ao atribuir significados sagrados às posições sociais. A religião apresenta normas e hierarquias como naturais e inquestionáveis, contribuindo para



a manutenção da ordem. Assim, para Weber, a religião é decisiva na estruturação social, mas, quando age de forma dominadora, encobre sua própria natureza humana e coloca seus valores como absolutos acima da autonomia dos sujeitos.

Uma noção central para entender esse processo é o desencantamento do mundo. É por meio dela que a religião, enquanto instância de explicação absoluta do sentido da existência, perde força. Weber (2004) defende que na modernidade, a racionalidade econômica e burocrática e a mentalidade secular passam a organizar a vida social, substituindo as antigas referências religiosas. As esferas sociais passam a operar segundo normas próprias, e já não há uma universalidade fundada numa única interpretação religiosa. Isso não significa o desaparecimento da religião, mas sua transformação e ressignificação em novas formas institucionais e pessoais.

A burocracia é outro tema-chave para compreender a religião na modernidade. Weber (2004) afirma que a burocracia é estruturada em normas racionais, hierarquias e procedimentos impessoais, ela busca previsibilidade e eficiência. Diferentemente da religião, que atua no plano simbólico e subjetivo, a burocracia estabelece regras universais aplicáveis a todos, independentemente da crença. Política, economia, ciência e cultura passam a funcionar com relativa autonomia, marcando a passagem de sociedades teocráticas para sociedades seculares. O sentido da vida já não é buscado exclusivamente na religião, mas também em outras formas de racionalidade e expressão de fé, baseadas na razão e na experiência. A secularização, porém, não é simples afastamento linear da religião, e sim transformação de crenças e práticas, tornando-as compatíveis com novas realidades sociais e morais.

Nesse cenário, em que a religião se transforma e disputa significados com outras esferas, permanece uma questão central: como ela continua a oferecer respostas ao sofrimento, ao mal, à desigualdade e ao destino humano em um mundo desencantado? Mesmo em sociedades racionalizadas e plurais, as pessoas seguem buscando explicações para a dor, o infortúnio e a prosperidade, e essas respostas orientam condutas éticas e legitimam posições sociais. É aqui que Weber introduz o conceito de teodiceia, entendido como o conjunto de explicações religiosas que procuram dar sentido à experiência humana, justificar a ordem social e estabilizar a relação entre destino individual e estrutura coletiva. A teodiceia torna-se um elo decisivo entre religião, moral e organização social, ao mostrar como diferentes tradições elaboram respostas distintas à fortuna, ao sofrimento e à desigualdade. A seguir, esse conceito e suas implicações sociológicas serão aprofundados.

3 TEODICEIA, VALORES MORAIS E LEGITIMAÇÃO SOCIAL NAS RELIGIÕES

De acordo com Gigante (2013), a sociologia da religião em Weber destaca o papel das crenças religiosas na formação de valores morais que orientam a conduta humana e legitimam a ordem social. O autor apresenta a ideia de *santificação da vida*, isto é, a internalização de valores religiosos como guia de comportamento e como forma de legitimação social, na qual grupos e classes adotam sistemas



religiosos alinhados aos seus interesses materiais e simbólicos. Segundo Weber (2004), no calvinismo, por exemplo, a doutrina da predestinação leva os fiéis a buscarem sinais de eleição divina no trabalho e na ação no mundo: o esforço laboral é um dever moral e religioso, e a prosperidade é interpretada como bênção.

Em uma vida marcada pelo esforço e pela busca de bênção divina, surgem inevitavelmente questões sobre sofrimento e mal. Na perspectiva weberiana, a teodiceia designa as explicações que as religiões oferecem para essas questões e que diferentes classes sociais utilizam para justificar sua situação material. Gigante (2013) ao descrever as teodiceias afirmou que as teodiceias da fortuna, comuns entre elites, interpretam prosperidade como favor divino; já as teodiceias do infortúnio, frequentes entre classes desfavorecidas, veem a adversidade como provação ou teste de fé, com recompensa postergada para o além, o que reduz conflitos e questionamentos. Em ambos os casos, funcionam como mecanismos de legitimação moral e social. No protestantismo, por exemplo, o fracasso econômico tende a ser visto como sinal de desvio moral, e o sucesso, como recompensa divina, influenciando leis, sistemas políticos, econômicos e sociais em contextos de forte presença religiosa.

Comparando religiões, Weber nota que o catolicismo, especialmente em sociedades latino-americanas, valoriza a renúncia material e não incentiva diretamente o acúmulo de riquezas. Weber (2004) aponta que a salvação é vinculada aos sacramentos e à obediência à Igreja, enfatizando valores comunitários, caridade e solidariedade. Assim, a ética católica difere da protestante: católicos tenderiam a seguir carreiras ligadas às humanidades e ao serviço público, enquanto protestantes se envolveriam mais com atividades comerciais e industriais.

Outro caso é o confucionismo, sistema normativo que estruturou a ordem social e burocrática da China imperial. Diferentemente das religiões ocidentais centradas na relação indivíduo–Deus, o confucionismo organiza uma ética voltada à harmonia social, ao respeito às hierarquias e à adaptação à ordem existente, sem exigir uma fundamentação estritamente religiosa. Segundo Weber (1996), a busca da riqueza não é condenada, mas deve respeitar as hierarquias estabelecidas. Essa configuração, embora garanta redes de parentesco e suporte social significativos, limita a mobilidade social e impede o surgimento de uma burguesia autônoma, como na Europa, restringindo o desenvolvimento de um capitalismo moderno plenamente racionalizado.

Segundo Weber (1996), no hinduísmo a ascese assume caráter passivo e extramundano, reforçando a estrutura de castas e a aceitação da ordem social como expressão da ordem cósmica. A crença em karma e dharma faz da posição social resultado de vidas anteriores, legitimando o conformismo e desestimulando a mudança estrutural. A ascensão não é efeito do esforço individual, mas do cumprimento de um papel pré-atribuído. A divisão entre castas – como brâmanes (religião) e vaishyas (economia) – separa funções religiosas e econômicas, diferentemente da ética protestante, que valoriza o trabalho econômico como chamado divino. A ausência de um espírito voltado à



transformação racional do mundo dificulta a formação de um capitalismo moderno na Índia, mantendo a economia em padrões tradicionais.

Weber (1996) também analisa o budismo, uma das primeiras religiões missionárias, difundida na China, Japão e Tibete. O budismo aprofunda o afastamento do mundo material, propondo a renúncia aos desejos e ao apego como caminho para a iluminação. Isso limita o engajamento econômico e político, embora a ausência de um sistema rígido de castas permita que diferentes grupos sociais adotem seus ensinamentos, facilitando a adaptação cultural. Em contraste com o protestantismo, que associa vocação ao trabalho e ao acúmulo de riquezas, o budismo não incentiva a racionalização econômica e o empreendedorismo.

Assim, ao analisar a santificação da vida, as teodiceias da fortuna e do infortúnio e as diversas éticas religiosas, Weber mostra que a religião exerce dupla função: orienta moralmente a ação e oferece sentido ao sofrimento, mas também legitima a ordem social e as desigualdades. Com o avanço da modernidade e a autonomização das esferas sociais, o poder da religião institucional para definir o sentido último da existência enfraquece. Abre-se, então, um espaço para experiências mais subjetivas de significado, que não dependem exclusivamente de doutrinas ou estruturas religiosas tradicionais. É nesse cenário de desencantamento e transformação das formas do sagrado que emerge, com força, a noção contemporânea de espiritualidade – mais fluida e menos institucionalizada, mas ainda profundamente ligada às questões existenciais que Weber identificou em sua análise da ação humana e da racionalização do mundo.

4 A ESPIRITUALIDADE NA PERSPECTIVA WEBERIANA

A espiritualidade na perspectiva weberiana relaciona-se à sua sociologia da religião. Embora Weber (2004) não trate a espiritualidade como conceito autônomo, ele analisa com profundidade a religião não em termos teológicos, mas comparando crenças religiosas, estruturas sociais e condutas, sobretudo no desenvolvimento do capitalismo ocidental. Como aponta Gerone (2022), a distinção entre espiritualidade, religião e religiosidade é recente, inexistente como categoria própria em Weber. Ainda assim, sua análise do fenômeno religioso abarca uma dimensão subjetiva do estado de espírito, uma postura racional diante da vida, marcada pela busca de sentido e por comportamentos éticos pessoais e coletivos, para além de doutrinas cristãs. Assim, ao tratar a religião como sistema organizado de crenças – próximo à noção de religiosidade –, Weber abre espaço para leituras que tocam a ideia de espiritualidade, o que justifica sua importância como referencial teórico neste estudo.

Weber (2004) indica que, embora os valores religiosos tenham sido centrais na organização social, a modernidade científica, política e moral promove um afastamento das explicações religiosas absolutas, abrindo espaço a formas racionais e seculares de ordenação social. Para Gerone (2022), isso se articula com a emergência contemporânea da espiritualidade como noção distinta da religião



institucional, multifacetada e ligada à experiência existencial. A perda da legitimação religiosa tradicional contribui para um campo em que a espiritualidade envolve a possibilidade de aderir ou não a uma religião, deslocando o foco da mera aceitação de crenças para a construção de sentido, normas pessoais e posição diante da vida. Em sociedades plurais, a fé torna-se escolha, não mais obrigação social inquestionável.

Segundo Gigante (2013), na “Zwischenbetrachtung” Weber analisa formas de rejeição religiosa do mundo, destacando o ascetismo intramundano e extramundano. O primeiro implica viver a disciplina religiosa no interior do mundo, vendo o trabalho e as atividades cotidianas como vocação divina, como no protestantismo. O segundo enfatiza o afastamento do mundo e a renúncia aos prazeres. Soma-se a isso o misticismo, voltado a uma experiência subjetiva e imediata com o transcendente. Embora formulados em contexto religioso, Gerone (2022) defende que esses conceitos permitem compreender a espiritualidade como essência comum às tradições: ritos, normas e valores são atravessados por uma busca de sentido que pode ou não assumir forma religiosa.

Além disso, a noção de religião em Weber (2004), é pautada por Gerone (2015; 2022), que destacou como forma de agir em comunidade, mediada por um sistema de crenças que orienta práticas e organização social, é compatível com concepções atuais de religião e religiosidade. Já a espiritualidade pode ser vista como dimensão subjacente a temas centrais como o “desencantamento do mundo”: a religião perde o monopólio da organização social, mas não desaparece; transforma-se e é reinterpretada em chave secular, cósmica e subjetiva. Associada à espiritualidade, essa condição aponta para uma busca de sentido que integra valores religiosos e humanos (solidariedade, humanismo), visando uma visão mais integral da pessoa. Para Gerone (2015; 2022) em um mundo regido por normas técnicas e impessoais, a espiritualidade resgata a dimensão subjetiva e emocional, funcionando como diferencial humano e oferecendo significado mesmo diante da morte e do sofrimento.

Essa proposta de conferir sentido aos impasses da vida pode ser lida à luz da teodiceia em Weber. Apesar de persistirem correntes que instrumentalizam dor e sofrimento como moeda de troca espiritual, Gerone (2015; 2022) destaca o surgimento de teologias emergentes que rejeitam a teologia da prosperidade e do sofrimento e concebem a espiritualidade como algo que ultrapassa a religião, não reduzido ao binômio bem/mal. A resposta ao sofrimento torna-se fruto de uma construção experiencial entre o sujeito e o que é cósmico, afastando-se de esquemas rígidos de punição e recompensa. Nesse horizonte, Nietzsche (2024) propõe uma divindade para além do bem e do mal, simbolizada por Dionísio, em que alegria e dor são integradas à plenitude da existência. Inspirado em Nietzsche, Frankl (1989) vê a busca de sentido como necessidade fundamental: atribuir sentido ao sofrimento permite suportá-lo e transcendê-lo. Kohlberg (1981) admite que perspectivas teístas ou panteístas respondem à incerteza diante do mal e da morte, enquanto Sponville (2001; 2007) defende uma espiritualidade



ateia como “vida do espírito”, que pensa, sente e ama para além de doutrinas, incluindo experiências como o amor ágape.

Com isso, compreender a espiritualidade na perspectiva weberiana significa reconhecê-la como dimensão essencial da experiência humana e como forma de relação com o mundo, o sagrado (ou o cósmico) e os outros. Ela atribui sentido às experiências e promove valores que atravessam o interior da pessoa e suas ações externas, podendo tanto transformar quanto sustentar estruturas sociais. A espiritualidade, assim, influencia os tipos de ação social, orientando não apenas como as pessoas se conduzem no mundo, mas também como legitimam suas escolhas e percebem seu lugar na sociedade.

4.1 A ESPIRITUALIDADE E OS TIPOS DE AÇÃO SOCIAL E ÉTICAS

As ações sociais, segundo Weber (1996), podem ser articuladas com a espiritualidade em seus quatro tipos ideais. Na ação racional com relação a fins, o sujeito escolhe meios eficazes para atingir um objetivo, e a espiritualidade pode atuar como critério para julgar se o fim é digno e quais meios são moralmente aceitáveis (por exemplo, recusar fraude ou violência). Assim, ela funciona como limite ético e forma de racionalização. Porém, quando a fé é instrumentalizada apenas para fins práticos, corre-se o risco de esvaziar sua dimensão existencial e produzir formas de fundamentalismo, aproximando-se da metáfora da “jaula de ferro”: uma vida extremamente racionalizada, sem o espírito que lhe dava sentido.

Na ação tradicional, guiada por costumes e hábitos transmitidos culturalmente, a espiritualidade se expressa na religião como fenômeno social que preserva ritos, festividades e doutrinas. A religião pode funcionar tanto como resistência à mudança quanto como espaço crítico, em que se pondera se determinadas alterações ameaçam ou não os valores essenciais de uma tradição.

Na ação afetiva, movida por estados emocionais imediatos, a espiritualidade aparece em experiências de êxtase, epifania, conversão e pertencimento, que transformam a vida pessoal e coletiva. Exemplos são comunidades de fervor religioso (como o pentecostalismo), lideranças carismáticas como Gandhi e Martin Luther King Jr., ou ações humanitárias e comunidades alternativas motivadas por ideais espirituais e empatia.

Na ação racional com relação a valores, o sujeito age por princípios que considera válidos em si mesmos, independentemente das consequências. No campo religioso, isso se expressa no puritano que trabalha como cumprimento de um dever sagrado; fora dele, em militâncias humanistas, pacifistas ou ambientalistas, com fortes convicções éticas e senso de transcendência pessoal, muitas vezes em confronto com a ordem estabelecida.

À luz da espiritualidade, os tipos de ação ajudam a equilibrar ética da convicção (princípios absolutos e transcendentais, resistência à racionalização excessiva) e ética da responsabilidade (atenção às consequências e ao bem comum, nem sempre ligada a dogmas). A mesma espiritualidade pode



fundamentar tanto religiosidades rígidas e dogmáticas quanto formas pragmáticas e instrumentais de fé. Quando a racionalização domina completamente esse campo, a “jaula de ferro” também se aplica à espiritualidade, aprisionando-a em estruturas rígidas que sufocam sua dimensão viva e crítica.

4.2 DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS: A ESPIRITUALIDADE DO “PEREGRINO” E O “CRER SEM PERTENCER”

Na obra weberiana, a análise sobre o desencantamento do mundo e a consequente subjetivação da busca por sentido encontra eco e detalhamento em importantes trabalhos da sociologia da religião contemporânea. Duas autoras, em particular, oferecem conceitos que podem ser vistos como manifestações empíricas dos processos que Weber descreveu: Grace Davie e Danièle Hervieu-Léger.

Grace Davie, em sua influente obra, cunhou a expressão “crer sem pertencer” (believing without belonging) para descrever a paisagem religiosa da Europa moderna. Segundo Davie (2000), o processo de secularização não resultou em um desaparecimento da crença, mas sim em uma dissociação entre a fé individual e o pertencimento a uma instituição religiosa. As pessoas continuam a ter crenças espirituais, mas não se sentem mais na obrigação de participar ativamente da vida de uma igreja ou comunidade religiosa. Essa noção se alinha perfeitamente à tese de Weber sobre a perda de centralidade da religião institucional. O “crer sem pertencer” é, em muitos aspectos, uma consequência direta do desencantamento: em um mundo onde nenhuma instituição detém o monopólio do sentido, a crença se torna uma questão de escolha privada, e o pertencimento, opcional.

De forma complementar, a socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger define a religião como uma “cadeia de memória”, um sistema que conecta o presente ao passado através da transmissão contínua de uma tradição e de uma linhagem de crença. Para ela, a modernidade se caracteriza precisamente pela ruptura dessa cadeia. Nesse cenário de amnésia religiosa, emerge a figura do “peregrino”: um tipo de crente que constrói sua própria jornada espiritual de forma autônoma, selecionando e combinando elementos de diferentes tradições, sem se fixar em nenhuma delas. O “peregrino” de Hervieu-Léger (2008) pode ser entendido como a personificação do indivíduo no mundo desencantado de Weber. Tendo perdido as certezas da tradição, ele é forçado a usar a racionalidade e a experiência subjetiva para montar seu próprio mosaico de sentido, navegando livremente entre as diversas ofertas espirituais disponíveis.

Assim, os conceitos de Davie e Hervieu-Léger não contradizem a análise weberiana, mas a aprofundam e a atualizam, fornecendo as ferramentas conceituais para observar, no nível empírico, as consequências do grande processo de racionalização e individualização que Weber identificou como a marca da modernidade. A espiritualidade contemporânea, fluida e desinstitucionalizada, é o campo onde o “peregrino” moderno exercita seu “crer sem pertencer”, em uma busca incessante por sentido que continua a ser um dos principais motores da ação social. Essa convergência entre a teoria



weberiana e as análises contemporâneas de Davie e Hervieu-Léger reforça a conclusão de que a religião e a espiritualidade, embora transformadas, permanecem como dimensões fundamentais da experiência humana na modernidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo evidencia que a contribuição weberiana para a compreensão do fenômeno religioso ultrapassa a mera descrição de crenças ou práticas devocionais. Em Weber, a religião aparece como força estruturante da ação social, capaz tanto de orientar moralmente a vida humana quanto de legitimar desigualdades e preservar formas de dominação. A tipologia das autoridades religiosas, o processo de desencantamento do mundo e a emergência da burocracia permitem compreender por que a religião, embora tenha perdido centralidade institucional na modernidade, permanece influente como sistema de sentido, ainda que em novas configurações.

O estudo da teodiceia revela que as explicações religiosas sobre sofrimento, fortuna e destino não são apenas respostas simbólicas a inquietações existenciais, mas funcionam como mecanismos de estabilização social e de legitimação das posições de classe. A distinção entre teodiceias da fortuna e do infortúnio, bem como a comparação entre tradições como o protestantismo, o catolicismo, o confucionismo, o hinduísmo e o budismo, mostra como diferentes sistemas religiosos produzem éticas específicas e racionalizações particulares da vida econômica, política e moral. Nessas dinâmicas, a “santificação da vida” aparece como um eixo central na constituição das condutas e na sustentação da ordem social.

Entretanto, o avanço da racionalização, a pluralização das esferas sociais e o desencantamento do mundo fragilizam o poder da religião institucional de definir, de forma exclusiva, o sentido último da existência. Abre-se, assim, um espaço ampliado para experiências subjetivas de significado que não dependem necessariamente de dogmas ou estruturas religiosas tradicionais. É nesse contexto que a noção contemporânea de espiritualidade ganha relevância, podendo ser compreendida, à luz de Weber e de autores posteriores, como uma forma mais fluida, menos institucionalizada e fortemente marcada pela autonomia da pessoa na busca de sentido, especialmente diante do sofrimento, do mal e da finitude. Essa nova paisagem religiosa é bem descrita por conceitos como o “crer sem pertencer” de Grace Davie e a figura do “peregrino” de Danièle Hervieu-Léger, que ilustram empiricamente a dissociação entre a fé individual e o pertencimento institucional.

Ao relacionar espiritualidade, teodiceia e tipos de ação social, torna-se possível reler também a tensão weberiana entre ética da convicção e ética da responsabilidade. A espiritualidade pode sustentar tanto posturas rigidamente fundamentadas em princípios absolutos — quando se converte em religiosidade dogmática ou em fundamentalismo — quanto atitudes mais reflexivas, sensíveis às consequências das ações e comprometidas com o bem comum. Nesse sentido, a espiritualidade pode



atuar simultaneamente como força de crítica às formas excessivamente racionalizadas de vida e como elemento de reforço de estruturas de dominação, dependendo do modo como é apropriada e vivida.

Por fim, importa reconhecer que este estudo possui limites claros: trata-se de uma abordagem teórico-bibliográfica que se concentra na obra de Weber e em alguns comentadores e interlocutores contemporâneos, sem adentrar de forma empírica em contextos específicos de vivência da espiritualidade ou da religião. Pesquisas futuras podem aprofundar como as categorias aqui discutidas — dominação religiosa, desencantamento, teodiceia, espiritualidade e tipos de ação social — se manifestam em práticas concretas, sejam elas religiosas, para-religiosas ou não religiosas, iluminando as ambiguidades, tensões e possibilidades de resistência presentes na vida cotidiana. Ainda assim, permanece atual a intuição weberiana de que, entre tradição e modernidade, entre religião e secularização, o ser humano continua a elaborar sentidos para a dor, o mal, o destino e o propósito — e é precisamente nessa busca que a espiritualidade encontra seu lugar.



REFERÊNCIAS

- COMTE-SPONVILLE, André. **O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DAVIE, Grace. **Religion in Britain since 1945: Believing without Belonging**. Oxford: Blackwell, 1994.
- DAVIE, Grace. **Religion in Modern Europe: A Memory Mutates**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- DURKHEIM, É. **A educação moral**. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FISCHER, Louis. **A vida de Mahatma Gandhi**. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.
- FRANKL, E. V. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1989.
- GERONE, L. G. T. de et al. Literature review: studies on spirituality in moral development for teacher practice. **Global Journal of Human-Social Science: G Linguistics & Education**, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.globaljournals.org>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- GERONE, Lucas Guilherme Tetzlaff de. A competência moral e a religiosidade e espiritualidade. In: BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; ALVES, Cristiane Paiva; RIBEIRO PARENTE, Elvira Maria P. Pimentel (Org.). **Estudos sobre competência moral: propostas e dilemas para discussão**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022.
- GERONE, Lucas Guilherme Tetzlaff de. **Um olhar sobre a religiosidade/espiritualidade na prática do cuidado entre profissionais de saúde e pastoralistas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3116. Acesso em: 21 abr. 2025.
- GIGANTE, Lucas Cid. A sociologia da religião de Max Weber: santificação da vida dentro de ordens políticas, econômicas e sociais. **Estudos Sociológicos**, Araraquara, v. 18, n. 34, p. 135-151, jan./jun. 2013.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **Religion as a Chain of Memory**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2000.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KING Jr., M. L. **A autobiografia de Martin Luther King**. Tradução de Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.



KOHLBERG, L. **Ensaio sobre o desenvolvimento moral. Volume I: a filosofia do desenvolvimento moral.** Nova Iorque: Harper & Row, 1981.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel (1843).** Tradução de Rubens Enderle; Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia.** Tradução, introdução e notas de Victor Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 2024.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber.** São Paulo: Editora 34, 2003.

WEBER, M. **A ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião – Confucionismo e taoísmo.** São Paulo: Pioneira, 1996.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

